

Aleksandra Rodrigues da Silva

Eronides Câmara de Araújo (Orientadora)

*O “Idoso” nos discursos
pedagógicos*

Monografia apresentada à
Universidade Federal de Campina
Grande, como um dos pré-
requisitos para obtenção do grau de
Especialista em Historiografia e
Ensino de História.

Campina Grande-PB

Outubro 2006



Biblioteca Setorial do CDSA. Março de 2024.

Sumé - PB

Sumário

1 - Agradecimentos. -----	03
2 - Introdução. -----	05
3 - Capítulo I -----	07
A construção jurídica do “ <i>idoso</i> ”.	
4 - Capítulo II -----	15
O discurso pedagógico e a construção lingüística do “ <i>idoso</i> ”.	
5 - Capítulo III -----	24
A “idade” e o professor.	
6 - Conclusão -----	33
7 - Referências Bibliográficas -----	35
8 - Anexo -----	36

Agradecimentos

Primeiro agradecemos a toda força espiritual que me auxilia na crença e capacidade de confiar em mim mesma. Muitos chamam essa força de Deus, outros nem a chamam, mas eu prefiro chamá-lo de Pai, pois me aproxima e auxilia na força para continuar.

A nossa família que nos possibilita uma estabilidade emocional para prosseguirmos como vencedores. Muitos são os nomes, mas o que são os nomes, além de imposições sociais que nos marcam por toda nossa existência humana. O que realmente importa é que eles estão no meu coração, hoje e até o momento que minha mente suporte, ou seja, enquanto eu estiver viva.

A uma família que não é minha de sangue, mas foi escolhido pelo amor, aos membros da família Avelino que muito me ajudou a enfrentar as agruras da vida. Aos meus doze anos de relacionamento com uma pessoa maravilhosa, mas que por força das incertezas da vida nos separamos, agradeço a paciência e os vários incentivos acadêmicos. Agradeço a Renato Avelino.

No caminho que venho percorrendo muitas pessoas passaram por mim, todas deixaram um pouco delas e sei que também deixei nelas. Contudo, poucas me marcaram profundamente como estas que agora consigo identificá-las, para aqueles que por ventura ler este simbólico filho do conhecimento, primeiro vêm minhas amigas que conquistei no longo e maravilhoso caminho pedregoso da graduação, que aos poucos, caminhos tortuosos tendem a nos separar fisicamente, Ju, Quel, Ky, Maisa e minha eterna rabricosinha (Valéria). O sexteto em H, que luta para que o tempo e o espaço que nos separa não separem nosso amor.

A outras amigas que mesmo sem saber me ajudaram a conquistar mais uma vitória acadêmica, são elas: Giza, Jaqueline, Micheline, Francisca, Maria Lucia, Renata, Kalu. Elas me ouviam reclamar das dificuldades que estava enfrentando e nunca me deixaram desistir, eu também as amo e agradeço.

Agradeço em especial a uma família que me acolheu com todo amor que eu necessitava, que tem na sua matriarca uma das mulheres mais inteligentes que tive o prazer de conhecer; mãe Socorro, ela me proporcionou com seus sorrisos uma paz que

me possibilitaram um equilíbrio emocional necessário quando estamos as vésperas de uma produção acadêmica de conclusão de curso.

Sem esquecer da minha linda orientadora que teve uma paciência com meus atrasos e erros provenientes de acúmulo de trabalho nas minhas 48 horas aulas de ensino. Eronides minha maravilhosa Nilda, obrigada por me aceitar com orientanda e me apoiar nos meus ardores emocionais de conclusão deste trabalho.

Claro que não poderia esquecer de agradecer a mim mesma que controlei aos trancos e barrancos meu nervosismo intelectual e pessoal, que levou a uma resposta da natureza com uma enorme queda de cabelo e crises alérgicas. Se não fosse minha determinação não estaria concluindo mais uma etapa acadêmica, eu me amo.

Introdução

Este trabalho busca problematizar a construção de identidade proposta pelos *Estudos Culturais*. Essa linha teórica nos possibilitou identificar como a sociedade moderna, através de vários discursos, entre eles, o cultural e o pedagógico, vêm ao longo da história construindo a identidade do idoso.

Na contemporaneidade se tem uma dizibilidade sobre o “outro”, entre eles, os idosos, os “especiais” e deficientes. Estes sujeitos são concebidos como deficientes e precisam ter cuidados específicos através de projetos de inclusão para serem considerados normais. A pedagogia consegue atribuir as essas pessoas lugares marcados para que sejam homens, mulheres, crianças, homossexuais, negros, magros, gordos, velhos etc.

Os discursos pedagógicos constroem os lugares e as idades, e através da divisão, da nomeação e da classificação aprisionam os sujeitos. Este pensamento é que indica a nossa discussão, pois como nos afirma Catarina Llett: “(...) a idade não é tua nem minha, é a idade do outro que, ao ser-nos, nos possui. Nesta expropriação de nossas diferenças cronológicas, nosso próprio tempo fica aprisionado”¹.

Vemos então que as “idades” são classificatórias e não nos pertencem. Quando nascemos são nossos pais que institui nossos nomes, e dá forma e identidade do sujeito registro de nascimento. Essas idades não só definem nossas identidades como nossas atitudes, como por exemplo, quando adultos não devemos agir como crianças e, quando chegamos na maturidade devemos esperar a “morte” chegar.

Essa ordenação das pessoas na sociedade, de acordo com esta classificação, deve ser respeitada pelos demais; quando ocorre uma transgressão a esses lugares, deparamos com reações incômodas. Em mais de cinco anos de sala de aula, observamos muitos relatos sobre os problemas sociais enfrentados pelos profissionais ou alunos que são de mais idade, considerados velhos para estar em sala como aluno ou como professor.

¹ Llett, Catarina. As outras idades ou as idades dos outros. In. *Habitantes de babel. Políticas e poéticas das diferenças*. Jorge Larroza e Carlos Skliar Viga (org). Trad. Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autentica 2002.

Na contemporaneidade, encontramos estudos pedagógicos² que desde a década de 90 busca a inclusão de pessoas consideradas como diferentes. Entre esses estudos encontramos o científico, o qual assume a identidade de autoridade para identificar os motivos e as conseqüências das diferenças dentro da sociedade. Estes estudos, em geral, reproduzem lugares para os diferentes tomado-os como verdadeiras prisões sociais.

Nosso objetivo, neste trabalho, é identificar discursos pedagógicos e jurídicos construtores de conceitos que marcam lugares em nossa sociedade contemporânea, no que diz respeito às imagens dos idosos. As pesquisas bibliográficas e as entrevistas buscaram identificar esses lugares, discutindo as naturalizações impostas pela sociedade no que diz respeito ao idoso.

Este trabalho que está dividido em três capítulos, o primeiro analisa o Estatuto do Idoso, documento oficial do governo federal que exige os direitos básicos da vida para as pessoas consideradas idosas. Identificaremos num segundo capítulo a identidade apresentada pela revista “Construir” sobre o lugar do Idoso na sociedade brasileira. Por fim, será apresentada uma pesquisa sobre os problemas enfrentados pelos professores de em Campina Grande no que diz respeito à idade.

² Nos referimos aos estudos pedagógicos referentes às atitudes dos educadores e sua relação com os educandos, os quais são nomeados como pertencentes à determinada série numa análise a partir de sua idade. Como também novos estudos sobre a idade e o lugar do idoso na sociedade.

Capítulo I

A construção jurídica do “idoso”.

Neste capítulo, iremos problematizar a formação do sujeito nomeado de “idoso” no discurso jurídico, construções descritas no Estatuto do Idoso³. Esses discursos serão apresentados através de uma decomposição temática, analisaremos as informações sobre a identidade jurídica determinada pelo Estatuto, quanto à idade determinante para o idoso, a saúde, o trabalho, o lazer, a educação e o convívio com o restante da sociedade.

Quando decidimos trabalhar com os discursos jurídicos, nos aproximamos do texto de Foucault, *A verdade e as formas Jurídicas*, nele observamos a problematização dos conceitos de criminalidade e as funções da ordem jurídica para sanar a sociedade daqueles que perturbam o bem estar social, o criminoso: “*Há, por conseguinte, também, uma nova definição do criminoso. O criminoso é aquele que danifica, perturba a sociedade. O criminoso é inimigo social.*”⁴.

As leis brasileiras não respondiam mais os anseios da parte da sociedade chamada de idosa, esses discursos de melhoria social aparecem na imprensa, como resposta dos vários movimentos de luta dos idosos, nas pesquisas do Senso nacional, o qual identificou um aumento considerável quanto os brasileiros com mais de sessenta anos, considerados pelo discurso científico como idosos. O que gerou uma preocupação quanto os novos lugares dessas pessoas para nova distribuição econômica e de participação dos considerados idosos.

A Lei nº. 10.741 de 1º de outubro de 2003 apresenta o *Estatuto do Idoso*, em que estabelece as regras sociais de conhecimento que determinam as diretrizes e os direitos e deveres dos cidadãos de mais idade, afirmando com “autoridade” governamental as características da “velhice”, as quais cristalizam esses lugares⁵, e as formas de respeito

³ O Estatuto do Idoso é uma Lei específica de nossa Constituição brasileira que identifica a atuação da população no que diz respeito aos direitos dos idosos na nossa sociedade, ele é composto por 07 títulos, 23 capítulos e 118 artigos. Foi promulgado em 1º de outubro; 182º da independência e 115º da proclamação da República, no governo (2003) de presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

⁴ Foucault, Michel, *A verdade e as formas jurídicas*/Michel Foucault, (tradução Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais, supervisão final do texto Léa Porto de Abreu Novaes... et al. J. – Rio de Janeiro: Nau Ed., 1999.

⁵ “Na perspectiva da diversidade, a diferença e a identidade tende a ser naturalizadas, cristalizadas, essencializadas”. Silva, Tomaz Tadeu da. *A produção social da identidade e da diferença*. In. *Identidade e*

a ser determinado pela constituição, como forma de defender as pessoas que são vistas por pelos donos do mercado capitalista como um atraso de crescimento econômico e social.

O artigo 1º do Estatuto descreve quem deve ser considerado um Idoso, afirmando que todo aquele com idade igual ou superior a sessenta anos deve ser visto pela sociedade e assegurado seus direitos para uma velhice digna. A cultura produziu que as idades representam determinadas condições físicas e emocionais, entretanto cada um de nós age ou percebe a vida de forma distinta. Nesta leitura, não é considerada, por exemplo, que a cultura também produz sujeitos que ao chegar aos 60 podem não se sentir e nem está disposto a espera da morte.

Art. 1º É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos.
Estatuto do Idoso, Lei nº. 10.741 de 1º de outubro de 2003. Grifo nosso.

No Estatuto, encontramos afirmações que marcam a construção da identidade do idoso no Brasil, a lei define ações que devem ser tomadas para designarmos o lugar em que os idosos devem tomar na sociedade. Percebemos, no entanto que essas classificações são imposições sociais para ordenar os vários sujeitos que devem fazer parte da sociedade, aqueles que realmente trazem o bem social, uma forma, segundo Bartolomé Ruiz⁶; transcendendo o ser humano autoconstuí-se como ser cultural e desta forma são definidos mecanismos que esclareçam a sociedade como identificar e respeitar o idoso.

Muitos são os requisitos apresentados pelo Estatuto, o qual determina o lugar específico do idoso na sociedade, em um deles identificamos a preocupação relacionada à saúde. Quando a lei regulamente a necessidade de proteção para os com idade acima de sessenta anos, reafirma os vários discursos culturais que colocam os mais velhos como peso social.

diferença: a perspectiva dos estudos culturais/Tomaz Tadeu da Silva (org), Sturrt Hall, Kathryn Woodward – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

⁶ Bartolomé Ruiz, Castor M.M., 1956 – As encruzilhadas do humanismo : a subjetividade e a alteridade do poder ético / Castor M. M. Bartolomé – Petrópolis, RJ : Vozes, 2006.

É assegurada a atenção integral à saúde do idoso, por intermédio do Sistema Único de Saúde – SUS, garantindo-lhe o acesso universal e igualitário, em conjunto articulado e contínuo das ações e serviços, para a prevenção, promoção, proteção e recuperação da saúde, incluindo a atenção especial às doenças que afetam preferencialmente os idosos.
Estatuto do Idoso, Lei nº. 10.741 de 1º de outubro de 2003. Grifo nosso.–

No cenário econômico a concorrência é caracteristicamente desleal principalmente com aqueles que não estão nos padrões das idades que representam melhor força física; segundo estudos científicos a vida útil de um trabalhador brasileiro é dos vinte aos quarenta anos, indicando que nossa produtividade é inferior quando ultrapassamos essa faixa etária, contudo isso também é relativo, pois somos diferentes e não podemos ser tratados como iguais. As preocupações sociais, como assistência social, habitação, transporte, previdência social, saúde entre outras, tentam “assegurar” ou reafirmar o lugar de respeito ao idoso. Esses mesmos são na representação do Estatuto, necessários tendo em vista as ações preconcebidas da idade avançada.

Nenhum idoso será objeto de qualquer tipo de negligência, discriminação, violência, crueldade ou opressão, e todo atentado aos seus direitos, por ação ou omissão, será punido na forma da lei. Estatuto do Idoso, Lei nº. 10.741 de 1º de outubro de 2003.

Encontramos também uma ação de proteção da idade. O Estatuto prescreve que o idoso tem direito de exercer qualquer profissão, mas quando ele se submete a um concurso público determina que ele deve ser respeitado suas condições físicas e psicológicas; no caso de empate a idade é o primeiro requisito para o desempate, onde ficará com a vaga aquele que for mais velho. Os artigos 26 e 27 apresentam as proposições quanto a necessidade de proteção do idoso quanto ao trabalho:

O idoso tem direito ao exercício de atividade profissional, respeitada suas condições físicas, intelectuais e psíquicas.

Na admissão do idoso em qualquer trabalho ou emprego, é vedada a discriminação e a fixação de limite máximo de idade, inclusive para concursos, ressalvados os casos em que a natureza do cargo o exigir.

Parágrafo Único. O primeiro critério de desempate em concurso público será a idade, dando-se preferência ao de mais idade mais elevada.
Estatuto do Idoso, Lei nº. 10.741 de 1º de outubro de 2003.

De acordo com o artigo 27 acima citado do Estatuto, é determinada a proibição e a discriminação referente ao trabalho do idoso, contudo no mesmo artigo encontramos a afirmação que o trabalho deva respeitar os casos que necessitem de força física, determinando o lugar frágil do idoso. Esse lugar foi construído pela ciência médica que identifica através de estudos, os enfraquecimentos físicos característicos da “melhor idade”⁷.

Como podemos observar o Estatuto busca naturalizar o lugar do idoso na sociedade aparecendo em outros artigos do Estatuto, como se envelhecimento fosse um direito social, sendo apresentado como condição social que deve ser tratada como digna de um cidadão, ou seja, envelhecer como direito torna-se algo natural proposto para todos os cidadãos, não devendo ser negligenciados pelas demais pessoa na sociedade. Essa aparente preocupação esconder, uma ação preconcebida sobre a velhice, ou seja, ao chegarmos aos sessenta anos devemos nos portar como pessoas com características próprias dessa idade. No Estatuto, os lugares propostos para as atitudes de acordo com as idades aparecem como algo naturalizado, no entanto esquece que nós somos diferentes e essas idades são vivenciadas de formas diferentes de pessoas para pessoas.

No capítulo II do Estatuto podemos observar uma aparente humanização do idoso, lemos; *“É obrigação do Estado e da sociedade, assegurar à pessoa idosa a liberdade, o respeito e a dignidade, como pessoa humana e sujeito de direitos civis, políticos, individuais e sociais, garantidos na Constituição e nas leis.”*. A afirmação vinda de uma lei governamental pode ser encarada pela sociedade como algo que represente um desmerecimento dos idosos no meio social, tendo visto que eles necessitem de uma lei própria para ratificar seu lugar como ser humano. Como nos foi passada em muitas disciplinas da especialização, *“as narrativas, os textos e conseqüentemente a linguagens que institui as coisas e as identidades, não podendo esquecer que as leis são baseadas na construção linguísticas das necessidades humanas nas sociedades”*. Fala da professora Nilda.

⁷ Termo usado na atualidade por aqueles que estudam o comportamento social dos idosos, os quais afirmam as cargas de preconceito na utilização dos termos “velho” ou “idoso”, com o intuito de diminuir o preconceito sofrido pelos idosos.

A sociedade contemporânea tem construído através de discursos morais, científicos e pedagógicos as identidades sociais e discriminar aqueles que estão fora dos padrões determinados de “beleza”, “saúde”, “normalidade”, “educação” etc., dessa forma quando transformada em leis pode aparecer como determinante não apenas para construir identidades, mas também como formas de ação de proteger aqueles que mesmo sem pedir são vítimas de preconceitos.

As idades são construções sociais ou lingüísticas, de modo que criam nossa faixa etária, ou seja, se tenho a idade específica de uma jovem adulta (entre dezoito e trinta e cinco anos), não devo ter comportamento de quem tem uma idade de criança, com gostos e ações específicas das crianças, conforme o saber pedagógico ordena. Pode-se usar um corte de cabelo ou uma saia mais curta, identificando a que idade pertence. Essa é a construção identitária a partir das idades. Assim sendo, quando usamos roupas ou nos portamos de formas diferentes das determinadas, somos associados pela sociedade como “anormais”.

Só existe o “anormal” porque existe a imagem da normalidade. Segundo Alfredo Veiga Neto⁸ *“se o normal depende do anormal para a sua própria satisfação, tranquilidade e singularidade, o anormal depende do normal para sua própria segurança e sobrevivência”*.

Neste momento em que estudamos o Estatuto, percebemos uma constante preocupação na manutenção da dignidade do cidadão, mesmo que este já tenha adquirido a idade que o represente como idoso. Na preservação da formação da identidade marcada para os idosos, muitos estudiosos da saúde representam-os como humanos que já perderam a força física e eles podem ser encarados como prejuízos para a sociedade. Com maturidade, segundo o saber psicológico os idosos são admirados quando ultrapassam a idade prevista para continuarem vivos e saudáveis, são encarados como diferentes em meio aos seus.

O capítulo V do Estatuto do Idoso deixa claro o direito que o idoso tem a uma educação destinada a ele, como forma de preservação da identidade e da memória da sociedade em que ele esteja inserido. Na citação abaixo o Estatuto nos fornece uma discussão referente ao lugar do idoso de detentor da memória coletiva da sociedade em que ele vive, esse discurso foi marcante na historiografia na década de oitenta, onde os

⁸ Neto, Alfredo Veiga. Incluir para excluir. In: *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Autêntica, Belo Horizonte, pág. 113, 2001.

idosos eram percebidos como membros da sociedade que teriam a responsabilidade de repassar para os mais novos as regras sociais de respeito e convivência social. Discursos apresentados nos artigos 20 e 21 do Estatuto do Idoso:

O idoso tem a educação, cultura, esporte, lazer, diversão, espetáculo, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade.

(..) Os idosos participarão das comemorações de caráter cívico ou cultural, para transmissão de conhecimentos e vivências às demais gerações, no sentido da preservação da memória e da identidade cultural.

Estatuto do Idoso, Lei nº. 10.741 de 1º de outubro de 2003. Grifo nosso. V:

No artigo 22 que aparece na citação abaixo, encontramos a afirmação que é dever do poder público ações que possibilitem a educação designada aos idosos, adequando os currículos, metodologias e material didático destinado a programas voltados a educação própria, ou seja, designar métodos e assuntos específicos para aqueles que já não conseguem acompanhar a educação dita regular.

“Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria”. Estatuto do Idoso, Lei nº. 10.741 de 1º de outubro de 2003. Grifo nosso.

Na citação acima, percebemos uma preocupação voltada para os alunos do chamado ensino regular, numa busca de ensiná-los a perceber as características da velhice, essas características estão ligadas ao processo de doenças, falta de trabalho e leis que devem ser conhecidas e respeitadas pela sociedade, preparando os educandos para respeitar os pais e avós, e conseqüentemente conscientizá-los de que também irão envelhecer.

Como visto, o estatuto se preocupa em apresentar conteúdos próprios para a educação regular⁹ explicando o processo de envelhecimento, numa busca de apresentar

⁹ Referimos a chamada educação regular no que diz respeito às bases educacionais atuais que dividem a educação pelo grau de maturidade, segundo estudiosos como Vygotsky.

para as crianças e adolescentes o respeito e à valorização do idoso na sociedade, como forma de diminuir o preconceito sofrido para com eles, pelos mais jovens.

Essas ações podem ser vistas pelos mais jovens como reafirmação da incapacidade dos incômodos “velhos” que os cercam. Pois o saber científico¹⁰ apresenta estudos que demonstra o desejo de viver mais do ser humano, contudo, esse desejo é enfraquecido pela identidade ser “velho”, onde eles são vistos incapacitados e um problema social.

Assim o Estatuto aparece como um discurso que enquadra os idosos em determinados lugares sociais específicos para aqueles que não respondem mais os anseios da sociedade contemporânea de velocidade e agilidade. Esquecendo-se que cada ser vive a age de acordo com suas características próprias, pois somos diferentes e não devemos ser identificados ou enquadrados como iguais.

Parágrafo único VII – estabelecimento de mecanismos que favoreçam a divulgação de informações de caráter educativo sobre os aspectos biopsicossociais de envelhecimento; Estatuto do Idoso, Lei nº. 10.741 de 1º de outubro de 2003.

O Estatuto do Idoso como visto na citação acima, transforma em lei a promoção de ações educativas que “apresente” a velhice para as crianças e adolescentes, como processo natural em que nosso organismo vai enfraquecendo até levar a morte. Esta ação governamental aparece como meio de vincular na sociedade a tentativa de diminuir barreiras preconceituosas em que nossa sociedade contemporânea construiu. Onde o “outro”, o “diferente”, o “anormal” como diz Foucault são construídos linguisticamente, como inferiorizados, marginalizados etc.

No capítulo que se segue iremos analisar alguns discursos que aparecem em exemplares utilizados pelos educadores como fonte de pesquisa bibliográfica sobre a construção da identidade do idoso a partir de uma revista bimestral da editora Construir, chamada de CONSTRUIRNotícias, no ano de 2003, visto a preocupação no cenário

¹⁰ “(...) saber científico e técnico sobre as deficiências humanas, empenham-se em defini-los, classificá-los e atribuir-lhes identidades construídas a partir desse saber, para profetizar sobre como construí-los adequadamente nos processos de normalização previstos para cada qual, mas para um ‘cada qual’ delimitado em e por sua deficiência, que se constitui assim como definidora de sua ‘identidade’”. Ferre, Nuria Pérez de Lara. Identidade, diferença e diversidade: manter viva a pergunta.

nacional da inserção do idoso na nossa sociedade, partindo do Estatuto do Idoso promulgado em 2003, até a campanha da Fraternidade promovida pela Igreja Católica.

Capítulo II

O discurso pedagógico e a construção lingüística do “idoso”.

Nos capítulos que se seguem iremos discutir como o discurso Pedagógico vai reafirmando a identidade do idoso e como esta política identitária vai sendo subjetivada pelos vários sujeitos, inclusive os próprios idosos. Neste capítulo que agora iniciamos apresentaremos uma discussão sobre uma pesquisa bibliográfica na revista bimestral, CONSTRUIRNotícias¹¹ destinada a profissionais em educação, com introdução de textos educativos, um auxílio complementar em sala.

No ano de 2003, várias reportagens apareceram com o enfoque relacionado à inclusão do idoso na sociedade brasileira¹². Encontramos na revista Construirnotícias uma das várias leituras sobre o idoso, neste ano de 2003 em que o enfoque pedagógico e religioso centrou-se na imagem do novo velho, aquele homem ou mulher que já passou dos sessentas anos, mas que ainda oferece condições dignas de viver, esse discurso subjetiva, normatiza e ordena os lugares estabelecidos pela ciência para as pessoas na sociedade. Segundo Bartolomé¹³:

A transcendência é uma qualidade essencialmente humana. Ela possibilita transgredir, em grande parte, todos os limites das condições vitais e permite ao ser humano projetar-se para um universo inédito e inexistente para o resto das espécies. Transcendendo (...), o ser humano deixa de ser um animal natural para autoconstituir-se (...) definindo-se como um ser cultural.

¹¹ Revista bimestral adquirida nas escolas que adotam os livros didáticos da editora Construir.

¹² Lembremos que o Estatuto do Idoso também foi promulgado no mesmo ano. E como já dito, estabeleceria espaço para estudos pedagógicos como forma de identificar o processo de envelhecimento da população brasileira, destacando novas funções sociais para os “idosos”.

¹³ Bartolomé Ruiz, Castor M. M. As encruzilhadas do humanismo: a subjetividade e a alteridade ante os dilemas do poder ético. – Petrópolis, RJ Vozes, 2006.

Como visto na citação Bartolomé afirma que a principal diferença entre os animais e o ser humano está na sua condição cultural. É na cultura que o humano constroem os sentidos da vida e seus lugares firmadores na sociedade em que vive. O Ser seria uma criação histórica e re-criado pela práxis valorativa, que seria a moral, que também uma construção humana.

Na página quatro da revista na edição março/abril, a coordenadora Cínara Augusto, apresenta a imagem da capa ¹⁴, um cartaz usado pela Campanha da Fraternidade promovida pela Igreja Católica. Vejamos uma apresentação e a identidade que é elaborado neste discurso.

*“Um homem do povo, com rugas de gente sofrida, mas com uma serenidade que não disfarça a cordialidade e a doçura característica de nossa gente. O rosto em primeiro plano insinua uma ação que passa quase despercebida. Um olhar mais atento revela o movimento de um instrumento musical muito familiar: a sanfona. Quase da pra “ver” o som de uma pessoa que distribui, generosamente, alegria e vida para a comunidade. O Brasil deixou de ser um país predominantemente de jovens. As últimas projeções indicam que, em menos de duas décadas, os idosos serão 15% da população total. (...)”*¹⁵

Na narrativa acima há uma preocupação em humanizar aquelas “rugas”, tão forte no senhor Geraldo Ventura de Souza ¹⁶. Podemos observar no discurso a redimensionar a identidade dos idosos para a comunidade. A ideia de ser humano como já visto acima é uma construção do próprio ser humano, e essa construção também aparece nos vários lugares impostos para ordenar as pessoas no seio da sociedade. Essa humanização aparece como forma de enfraquecer o preconceito latente em nossa sociedade moderna que encara o idoso como improdutivo para o mercado de trabalho, e como o “trabalho dignifica o homem” o homem improdutivo representa falta de dignidade.

Na próxima citação, a autora do texto também apresenta dados sobre a expectativa de vida do brasileiro para as próximas duas décadas, seremos 15% de

¹⁴ O leitor encontrará a imagem nos anexos.

¹⁵ Construir notícia edição: março/abril, editora: Construir, 2003. Grifo nosso.

¹⁶ personagem que aparece na imagem.

idosos. Este dado é reflexo do avanço na medicina e uma melhor alimentação, esse fato é preocupante em todo mundo.

“O crescimento do contingente idoso é resultante de altas taxas de crescimento, em razão da alta fecundidade registrada no passado, da redução da mortalidade da infra-estrutura sanitária, dos avanços científicos e da diminuição da taxa de fecundidade das últimas décadas”.

O título da reportagem de capa aparece como imposição de respeito para os idosos: “Respeito é bom e o idoso exige”. A exigência tornou-se necessária porque a nossa sociedade moderna passou a encarar o idoso como peso social e econômico, visto nesta etapa da vida o homem não possuir, segundo os discursos médicos o vigor físico e intelectual dos adultos entre vinte e quarenta anos.

Junto à lei, da Igreja e da pedagogia as novas imagens do idoso começam a aparecer dando espaço para o ingresso ou permanência do idoso no mercado de trabalho, desafogando a Previdência Social. Esses discursos aparecem como salvadores, uma forma de auxiliar aqueles que não podem se defender, ao menos é o discurso dos órgãos representados dos idosos no cenário social. Os membros da sociedade, contudo não detêm o conhecimento que muitas das conquistas dos idosos foram conquistas dos mesmos. *“Eles são os guardiões da memória coletiva e, por isso, interpretes privilegiados daquele conjunto de ideais e valores humanos que mantêm e guiam a convivência social”.*¹⁷ Podemos questionar, no entanto que esse discurso de guardiões da memória coletiva, pois a mídia transformou a memória em questão de minutos, o que antes levava muito tempo para se transformar em acontecimento agora é visto por milhares de pessoas no mundo em segundos. Então esse lugar de detentor da memória não cabe mais ao nosso tempo.

A fala acima é reprodução de uma carta do Papa João Paulo II, direcionada aos anciãos como indicativo para a Campanha da Fraternidade de 2003, que teve como tema *Fraternidade e Pessoas idosas*. Segundo a reportagem da revista a campanha daquele ano deveria representar um resgate da importância das pessoas idosas para a sociedade, sendo valorizada a etapa mais longa da existência da vida humana: *“(...) seja marcada pela vida, pela dignidade e pela esperança”.*¹⁸

¹⁷ Idid

¹⁸ Idid

Uma das buscas do homem é eternidade, muitas crenças religiosas que prometem uma vida eterna num futuro próximo, e são crescentes o aumento das igrejas em cada canto de nossas cidades. A ciência médica não promete a vida eterna, mas estudam formas de deixar a vida mais longa e as conseqüências físicas da velhice mais tardias, grandes são os números de clinicas medicas ligadas a estética, são incontáveis medicamentos e cosméticos que prometem retardar os efeitos do envelhecimento. Uma forma de dar esperança aqueles que são considerados pela ciência como propensos doentes crônicos, uma dificuldade a mais na sociedade.

*“Todos querem viver mais, mas ninguém quer ser velho. (...) A palavra velho traz consigo um conjunto imenso de conotações pejorativas. Numa sociedade que idolatrar a juventude, a beleza e a força física, ser velho significa estar envolvido em um universo de rejeição, preconceitos e exclusão”.*¹⁹

Vivemos mais, contudo não sabemos o que fazer com esse tempo extra que uma melhor condição social nos propôs. Os dados²⁰ vindos de pesquisas governamentais como o CENSO desde meados da década de 1990, busca encontrar formas de encaixar essa parcela da população em condições dignas de sobrevivência.

Em outro relato na revista CONSTRUIRNotícias essa já no ano de 2004, encontramos uma pesquisa relacionada a moradores de uma favela conhecida como Baltimore em alguma região dos Estados Unidos; nela um grupo de alunos de Sociologia recolher depoimento de cerca de 200 crianças; o prognostico dado pelos alunos de sociologia referentes às crianças da favela foi que nenhum deles teria chance de uma vida melhor.

Vinte anos após, outro professor teria encontrado as pesquisa e resolvido fazer nova investigação numa tentativa de checar os dados propostos pelos outros alunos. Constatou que fora as 20 crianças que teria morrido ou ido morar em outra região, cerca de 180 crianças teria conseguido vencer na vida, e quebrar com os dados estabelecidos vinte anos atrás. O professor buscou respostas e foi até os jovens na busca dos motivos relacionados ao sucesso do grupo analisado anteriormente. A maioria teria respondido;

¹⁹ Idid

²⁰ Os idosos eram em 1940 4% da população brasileira, em 2000 chegamos a 8,6% quando em 2002 chegamos a 15 milhões de brasileiros com mais de 60 anos.

“Tive uma professora”. Você deve estar se perguntando, o que essa história tem haver com nossa pesquisa? A citação abaixo responde:

“O pesquisador descobriu que a professora ainda vivia e foi perguntar à já idosa, mas ainda vivaz senhora, que fórmula mágica ela havia usado para seus alunos conseguirem sair da favela e ter uma vida melhor. A velha senhora sorriu e disse: ‘É simples. Eu dei amor aos meninos’.”²¹ Grifo nosso.

“*Já idosa, mas ainda vivaz senhora*”, essa frase marca a imagem construída linguisticamente relacionado à velhice, pois o autor ao afirmar que a professora estava viva, contudo idosa teve que reforçar a ideia de vivacidade, ou seja, ela estava “velha”, mas consciente do que poderia afirmar sobre seus antigos alunos. Esse discurso pode reafirmar o lugar construído para a velhice, onde os idosos perdem a capacidade de conhecimento já adquirido, sendo necessária a aprovação de um acadêmico para que a sociedade respeite a palavra da professora “idosa”.

O que podemos perceber é que em apenas duas edições a imagem aparece de forma distinta, em uma existe uma tentativa de humanização e respeito para com o idoso, na outra e com apenas um ano de diferença a linguagem aparece novamente para reforçar a imagem do idoso como necessitando de ajuda para afirmar seu lugar na sociedade.

Outra reportagem na mesma edição de 2003, encontra tentativas de identificar os motivos que levam o ser humano negar a velhice, mesmo querendo viver muito, as pessoas não desejam envelhecer e morrer. Esta preocupação aparece como tentativa de diminuir o preconceito quanto à vida após os 60, como se esta idade marcasse uma nova etapa para a vida ou o passo inicial para a morte, mesmo a medicina afirmando que ao nascermos iniciamos o processo para a morte.

O título da segunda reportagem referente a tentativa de incorporação do idoso na sociedade põe o leitor a questionar as informações que nossa sociedade moderna apresentou a eles sobre os idosos, afirmando que muitas das informações sobre os idosos não passam de mito: “Mitos e Preconceitos”.

“Velhice é doença”

²¹ Construir notícia edição: Julho/agosto, editora: Construir, 2004.

“O idoso não aprende”
“O idoso está mais perto da morte”
“O idoso perde a capacidade sexual”
“Idoso não tem futuro”
“Idoso só pode conviver com idosos”
“O aposentado é mantido pelo governo”
*“A inteligência diminui com a idade”.*²²

Cada informação apresentada acima como mito foi repassada para a sociedade contemporânea como sendo verdades relacionadas aos idosos. Hoje são muitos discursos questionadores sobre a idéia de “verdade”, pois ela nasce das praticas sociais do controle e da vigilância. A ciência constroe esses lugares sociais de verdades. Nos novos discursos foram esquecidas as várias afirmações médicas anteriores que colocava os idosos como pessoas improdutivas, incapazes de realizar atividades intelectuais ou físicas. Descartando seus trabalhos apenas por terem alcançado a idade proposta pelo saber pedagógico como idoso.

Iremos apresentar as afirmações relacionadas aos “mitos” apresentados pela edição da revista aqui analisada. Em uma tentativa de reconstruir um novo lugar na sociedade brasileira para os considerados idosos. *“Velhice é doença”*, o texto afirma que existem idosos saudáveis; física e mentalmente. Que mesmo com a idade avançada pode continuar ativo no mercado de trabalho, na sociedade e na cultura.

“O idoso não aprende”, *“A inteligência diminui com a idade”*, nos discursos observamos a desconstrução do pensamento de que na velhice a capacidade intelectual acabaria. O texto afirma que as produções intelectuais e artísticas são em pessoas acima de 60 anos, ou seja, na idade proposta pela lei designada para a “melhor idade”.

“O idoso está mais perto da morte” ou *“Idoso não tem futuro”*, nos textos explicativos a essas afirmações, observamos uma preocupação em mostrar uma melhor expectativa quanto à idéia de futuro para os idosos, ele não pode morrer socialmente, a morte é uma consequência da vida, contudo não devemos matar os humanos apenas por conta da idade, essa discussão apresentada no texto constrói um novo lugar para eles na sociedade. Fato que marca a imagem do idoso na nossa sociedade moderna principalmente no que diz respeito à busca por emprego, onde aqueles que são de mais idade, menos de 20 e acima de 40, não participam da concorrência na luta pelos empregos.

²² Idid

“O idoso perde a capacidade sexual” e o “Idoso só pode conviver com idosos”, são afirmações que identificam uma construção de um novo espaço para o idoso no meio social, eles não deixaram de viver apenas porque envelheceram, podem continuar amando e sendo amados, por todos no ceio da sociedade sejam crianças, jovens ou adultos.

Outro fator de preconceito está relacionado com a idéia construída na sociedade de que o idoso seria uma carga financeira para o governo, esse discurso coloca os mais velhos como responsáveis por um fardo tributário, onde o resto da população seria responsável para pagar a conta. No texto da revista quanto à obrigatoriedade do governo em manter os aposentados, nos é apresentado uma nova visão, nele encontramos o discurso de inverdade, onde o idoso teria pago trinta ou mais de contribuição previdenciária e dessa forma a aposentadoria seria uma justiça feita a ele jamais uma dádiva vinda do nada.

A análise deste suplemento bimestral da revista ConstruirNotícias podemos observa que no ano de 2003, os discursos foram reformulados ou reconstruídos para dar sustentação aos novos lugares representativos dos idosos, e assim, aproveitados pela sociedade brasileira. Não mais considerados um peso para os seus e para a sociedade, contudo essas novas discussões ainda aparecem como sonhos construtivos para aqueles que são vistos como idosos.

Para finalizar esta análise faremos uma breve discussão sobre uma oração utilizada pela igreja como discurso apaziguador entre a relação idoso e os fieis. Este texto também se encontra na revista analisada neste capítulo.

“Oração do Idoso”

*“Bem-aventurados aqueles que compreendem meus passos vacilantes e
minhas mãos trêmulas.*

*Bem-aventurados os que levam em conta que meus ouvidos captam as
palavras com dificuldade, por isso procuram falar mais alto e
pausadamente.*

*Bem-aventurados os que percebem que meus olhos já estão nublados e
minhas reações são lentas.*

*Bem-aventurados os que nunca me dizem: “Você já me contou isso tantas
vezes”.*

*Bem-aventurados os que desviam o olhar, simulando não ter visto o café
que por vezes derramo sobre a mesa.*

Bem-aventurados os que sorriem e conversam comigo.

*Bem-aventurados os que sabem dirigir a conversa e as recordações para as
coisas dos tempos passados.*

Bem-aventurados todos aqueles que me dedicam afeto e carinho, fazendo-me assim pensarem Deus. Quando entrar na Eternidade; lembrar-me-ei deles, junto ao Senhor.

Bem-aventurados os que me ajudam a atravessar a rua e não lamentam o tempo que me dedicam.

Bem-aventurados os que me fazem sentir que sou amado e não estou abandonado, tratando-me com respeito.

Bem-aventurados os que compreendem quando me custa encontrar forças para carregar a minha cruz.

Bem-aventurados os que amenizam os últimos anos sobre a terra”²³

A oração acima apresenta discursos religiosos que reafirmam a imagem do idoso como alguém que necessita de apoio dentro da nossa sociedade moderna, o que nos faz perceber uma contradição ainda latente entre o pensamento ocidental que o coloca em lugar de inferior, e o estabelecimento de um novo discurso pedagógico que institui uma nova posição de respeito para os considerados da “Melhor Idade”. O termo “Melhor Idade” já nos possibilita uma identificação dessa tentativa de estabelecer nova discussão sobre o lugar do idoso na sociedade. Este novo lugar criado discursivamente aparece como uma solução para o aumento crescente dos considerados idosos pela medicina no mundo.

Desta forma, dentro da revista aqui analisada como também em outros compêndios escolares, encontramos discursos que apresentam o idoso para as crianças das instituições escolares, numa busca de ensinar as novas gerações a respeitar os mais velhos e não negligencia-los na sociedade. Pois nosso sonho de vivermos mais é uma representação da velhice.

No capítulo que se segue apresentaremos uma pesquisa feita na cidade de Campina Grande, sobre as dificuldades enfrentadas pelos professores das escolas particulares, relacionando suas idades e o trabalho.

²³ *Família Cristã, 1998, pág. 07.*

Capítulo III

A “idade” e o professor.

“Certo dia estava na sala dos professores, chegou a coordenadora chamando uma de nós, disse que uma mãe estaria reclamando do seu trabalho em sala, afirmando que os problemas de sua filha com a aprendizagem estaria relacionado a capacidade perdida da professora por esta envelhecendo.”²⁴

Em uma das disciplinas da Especialização encontramos, a possibilidade de iniciar uma pesquisa com professores da rede privada de Campina Grande²⁵, que nos abriria espaço para problematizar o aparente enfraquecimento intelectual dos profissionais em educação a partir do momento que alcança uma idade mais avançada. A entrevista foi composta por nove questões, que apresentava questionamentos relacionados ao convívio entre os alunos de idades diferentes na sala de aula, e de problemas relacionados à idade dos educandos.

Através de entrevistas, buscaremos analisar como os discursos que circulam nos discursos pedagógicos, em especial nas falas dos próprios educadores constroem o sujeito idoso. Cerca de trinta educadores responderam aos seus anseios referentes a relação idade e educação, nos anexos encontra-se as questões feitas aos profissionais que se propuseram a respondê-las. Muitos ficaram receosos em falar de sua idade como também apresentar suas dificuldades em enfrentar uma crescente onda de perguntas de seus educandos sobre sua idade, pois temos uma tendência de não aceitar nossa própria idade, quanto mais as idades propostas a nós.

A idade e suas características representacionais na nossa sociedade já passaram por numerosas explicações, muitos idosos durante a história foram vistos como detentores de conhecimento, porém em outras épocas como na nossa sociedade moderna eles foram vistos como incapazes, improdutivos e a espera pela morte.

²⁴ Esse fato presenciado por cerca de cinco profissionais que estavam presentes no momento marcou o início de nossa marcha para entendermos os motivos que levam nossa sociedade a desvalorizar aqueles que fogem dos padrões normatizadores de condutas humanas. Questionamento apresentado por estudiosos como Michel Foucault.

²⁵ Nas escolas Santo Onofre, Joaquim Padre Neto e Carmela Veloso.

Na educação, estudiosos apresentam a “idade” como marca de competência, onde alunos e professores são incluídos num patamar de hierarquia ponderando as possibilidades de aprendizagem de acordo com as várias etapas da vida. Cada idade respeita níveis de conhecimento diferente, como diria Vygotsky, o educando é construído através do convívio social e o meio, dentro desse processo de aprendizado a criança precisa da imagem do professor. Pois, mesmo que uma criança não consiga realizar sozinha determinada tarefa, precisa de ajuda de uma pessoa mais experiente. Assim, o nível de desenvolvimento mental de um aluno não pode ser analisado apenas pelo que ele possa produzir com ajuda de terceiros, mas através das experiências compartilhadas, torna-se possível o desenvolvimento mental das funções ainda não desenvolvidas.

O profissional mais novo é avaliado pelos alunos e pelos colegas como mais competente e os mais velhos são encarados como sobreviventes em meio a boa aparência da juventude, pois apenas os mais jovens agüentam o “pique” das crianças e dos adolescentes.

Quanto as duas primeiras questões, identificamos um variado nível de composição de profissionais em atuação nas escolas particulares de Campina Grande, pois professor leciona no mínimo em duas instituições, tendo casos de atuações em mais de três escolas. Levando ao terceiro questionamento, os problemas enfrentados por eles na educação, a maior reclamação está relacionado a necessidade de depender de uma carga horária alta para poder ganhar o necessário para sobrevivência dos seus, aumentando o exercício psicológico cansando o profissional cada vez mais rápido: *“Tenho que trabalhar em cerca de nove instituições para me manter no mercado e não depender de outra renda para manter minha família.”* Frase repetida várias vezes por um dos entrevistados.

Percebemos então que uma das maiores preocupações dos profissionais é a questão de sobrevivência financeira, dentro de uma concorrência cada vez mais acirrada. Essa preocupação aparece quando muitos já aposentados voltam a trabalhar na sala de aula para continuar sobrevivendo, pois a aposentadoria não sustenta a eles e as suas famílias. Hoje é notória uma preocupação em recolocar o “idoso” no meio social, visto talvez pelo aumento da expectativa de vida dos brasileiros. A imagem do avô e da avó vem se transformando, a maioria não são tão presentes em casa, precisam continuar

trabalhando, mesmo após a aposentadoria para melhorar a renda familiar e não entrarem em depressão²⁶.

(...) "à solidão, à falta de perspectiva frente a vida, agravada por sua idade avançada, fatores que também levaram Paula ao profundo desespero." A autora nos mostra um estudo de caso que demonstra alguns problemas enfrentados pelos "idosos", como a falta de estímulo para continuar vivendo frente a espera pela morte. Discussão feita no seguinte texto, "Do desamparo ao sonho: a construção da identidade social de uma aluna 'idosa'".

Como mostra a citação, acima muitos ficaram desesperados chegando a pensar na morte ou contraindo doenças por se sentirem improdutivos. Em algumas entrevistas, outras afirmações quanto aos problemas enfrentados, está relacionado a dificuldade em se manter ativos e necessários no mercado.

Um dos entrevistados afirmou que ouviu os alunos uma afirmação negativa sobre um companheiro de profissão, um respeitado profissional na área de humanas, professor que era requisitado pela maioria das escolas de grande porte da cidade: *"ele já tá gaga"²⁷, não tem como nos passar os macetes para os novos questionamentos que aparecem nos vestibulares*". Esta afirmação põe em discussão o mito moderno construído em torno da velhice, onde todo aquele que envelhece perde a capacidade de aprender.

Em outra entrevista, observamos um receio no momento de responder suas idades, principalmente as mulheres que na sua maioria brigam com o espelho para aparecerem mais novas e mais magras. Em uma das falas, a entrevistada comparou as profissionais a verdadeiras manequins, pois deveriam sempre se apresentar na sala de

²⁶ Eloisa Adler Scharfstein. In. *Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade, e profissão na escola e na familiar* Luiz Paulo da Moita Lopes, (org), - Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003. pgs 39 a 65.

²⁷ Gíria usada pelos adolescentes para se direcionar aos idosos, indicando insanidade ou confusão de idéias.

aula bem arrumadas e perfumadas e a cada cabelo branco aparente os educandos questionam as suas idades fazendo “chacota”²⁸.

“Muitos alunos, para parecerem simpáticos elogiam os professores para que esses se sintam confiantes e diante disso questionam nossas idades e riem quando somos mais velhos, afirmando que somos irados mesmo sendo corroas”²⁹. Frase de um dos entrevistados.

Uma das preocupações das políticas públicas atuais é a melhora na vida social dos “idosos”, desenvolvendo ações direcionadas a essa nova idade: a “Melhor idade”. Quanto à educação percebemos que esse lugar construído linguisticamente também marca a sala de aula ou marca a necessidade de questionar os lugares determinados para os “bons” profissionais em educação.

Quando os discursos circulam afirmando que cada pessoa deve agir de acordo com sua idade física e psicológica, marca a construção do sujeito na sociedade³⁰. Muitas vezes escutamos algumas expressões que nos mostram essa preocupação em determinar esses lugares, “*essa pessoa não se veste de acordo com sua idade*”, “*essa velha (o) não se coloca no seu devido lugar*”, “*esse (a) coroa não se toca, só quer ser jovem*”.

“Os alunos questionam e observam cada detalhe do nosso corpo, roupa e aparência física, nos marcando nos devidos lugares nas escolas, o coroa legal, a patricinha, a velha que se veste mal entre outras afirmações”. Frase de um dos entrevistados.

²⁸ Termo regionalista que representa ação negativa piadas, risos, ou outras atitudes que denigram a imagem de alguém.

²⁹ As palavras grifadas são gírias usadas pelos adolescentes para se direcionar aos idosos, indicando que são pessoas legais e tem idéias centradas no pensamento dos jovens.

³⁰ Conforme nos mostra Caterina Lloret, “*Mais do que ter uma idade, pertencemos a uma idade. Os anos têm e nos fazem; fazem com que sejamos crianças, jovens, adultos ou velhos. E isto, apesar da relativa flutuação das fronteiras culturais, legislativos ou administrativas, nos situa uns e outros grupos socialmente definidos.*”pg. 14.

Entre outras observações na pesquisa aqui apresentada, os lugares em sala foi o que mais nos chamou atenção. Os alunos subjetivam que de um lado os mais jovens estão na idade adequada, para ser bons profissionais, do outro os adolescentes que são vistos como atrasados e muitas vezes como empecilhos para um aprendizado melhor da turma.

“Acredito que uma sala organizada por idades adequadas para cada etapa do ensino, propicie um melhor andamento da aprendizagem, pois os alunos atrasados interferem na processo de aprendizagem dos demais alunos”. Frase de um educador entrevistado.

Em estudos recentes para uma das disciplinas da Especialização em Historiografia e Ensino, um texto nos chamou atenção, principalmente por se tratar do tema que pesquisamos, Eloísa nos forneceu algumas pistas sobre a imagem do “idoso” na sociedade brasileira, nossa preocupação atual de pesquisa.

A nossa sociedade contemporânea ocidental possibilitou através de discursos médicos, pedagógicos, religiosos ou econômicos, a construção dos vários “diferentes”, termo que durante muito tempo foi visto com teor de inferioridade no nosso “país”, numa busca cultural pelo igual, ou seja, na busca do diferente a ciência tentava encontrar as semelhanças, pois um não existe sem o outro.

Para existirmos precisamos construir o outro, quando naturalizamos a diversidade e a diferença podemos reproduzir ou cristalizar as várias identidades construídas pela sociedade: *“Da mesma forma que a identidade, a diferença é, nesta perspectiva, concebida como auto-referenciada, como algo que remete a si própria. A diferença, tal como a identidade, simplesmente existe”*³¹.

Segundo Tomaz Tadeu a educação ou a mídia inscreve a imagem da diferença como algo a ser respeitado ou tolerado e cristalizam-se esses lugares como naturais. Muitas ações estão sendo tomadas para que os idosos possam viver bem, frentes uma sociedade que valoriza a juventude como fonte de conhecimento e vivacidade. Dentro da sala de aula, muitos educadores são vítimas de enumeras piadinhas, por serem mais “velhos” que as chamadas “estrelas da educação”, as quais levam os alunos “rumo à universidade”.

³¹ Silva, Tomaz Tadeu da, *A produção Social da Identidade e da Diferença*. Pg. 74.

Quando afirmamos que existe o “jovem”, negamos as outras representações das idades, talvez por ela se tratar, de acordo com nossa sociedade, a nossa melhor época da vida, segundo essa representação; não somos mais “criança”, a “adolescência” é só lembrança, e temos o vigor físico e psicológico para sermos produtivos; já quando chegar a velhice devemos estar preparados para descansar e não mais produzir.

*“O problema da representação não está delimitado por uma questão de denominação/descrição da alteridade. Há, sobretudo uma regulação e um controle do olhar que define quem são e como são os outros”.*³²

O pensamento que expressa a idade mais avançada como época de descanso, e de diminuição da produção é uma construção. No século XIX, a ciência se encheu de autoridade e iniciou a dominação das regras sociais, antes as respostas estavam dadas a religião e ela aparecia como detentora do conhecimento; com o desarme desse lugar foi a ciência que passou a responder as necessidades e a colocar os “sujeitos”, em outros lugar.

O “idoso” então aparece como membro da sociedade cansado que não mais daria conta dos seus deveres. A característica da idade mais avançada, o corpo humano passa por etapas e quando “idosos” estaremos “condenados” a enfraquecer, não mais acompanhariam os “jovens”, que possuiriam “vigor” físico. Assim, para esses discursos científicos a imagem do avô (ó) é aquela que fica em casa “vivendo” dos seus últimos dias, e cuidando dos netos para seus filhos usufruam de suas idades.

“Alunos me questionam muitas vezes, os motivos que me levam a continuar trabalhando, ao invés de estar cuidando dos meus netinhos, mesmo não tendo sequer filhos”. Frase de um dos entrevistados.

Desta forma, quando os discursos afirmam as identidades dos “sujeitos”, organizam como forma de controle social. A imagem ou identidade do “idoso” hoje,

³² Cf. Silvia Duschatzky e Carlos Skliar. In. Habitantes de babel – políticas e Poéticas da Diferença (orgs) Jorge Larrosa e Carlos Skliar..pgs 122-123.

está sendo reconstruída, nos discursos pedagógicos e médicos apresentando-os como produtivos, podendo significar uma inclusão social.

“Recentemente em uma entrevista na TV, vi uma senhora de 78 anos se arrumando, pensei que ela iria aparecer em outro cenário do programa, simplesmente me assustei quando a vi indo trabalhar numa metalúrgica, aí pensei com meus botões, e eu ainda reclamo da sala de aula, acho que jamais imaginaria ela trabalhando numa metalúrgica, achei que ela apenas fosse uma vovó”. Frase de um dos entrevistados.

O professor, que em tempos passados estava ligado as “cãs” (cabelos brancos), hoje deve apresentar-se como jovem, para que seus educandos não se envergonhem deles, admirando-os cada vez mais, forma de se manter empregados.

A entrada cada vez mais precoce nas universidades abre o caminho para o ingresso dos mais jovens no mercado de trabalho, empolgados pelas novas discussões os novos professores aparecem como revolucionários, deixando de lado aqueles que não acompanham a onda do momento. Ser engraçado ou dizer gírias em determinados momentos da aula pode representar a permanência do educador em sala. Segundo a citação acima, ser jovem é falar como eles falam, muitas vezes agir como eles agiriam numa discussão ou simplesmente fazer parte deles.

“Dizer gracinha aparece como ponto marcante da minha aula e os alunos adoram. Isso me faz parecer mais jovem e pertencente ao círculo de convivência dos meus alunos”. Frase de um dos entrevistados.

O ritmo de trabalho também interfere na atuação do profissional na educação, ganhar pouco e trabalhar muito, representa uma dedicação sobre-humana, muitos profissionais perdem a noção de trabalhar para viver e vivi para o trabalho, não aguentando este ritmo de trabalho e se encaixando nas explicações medicas de que a velhice representa enfraquecimento intelectual e físico.

“Aí coroa! A senhora tá mandando bem”. Esta frase é muito ouvida quando um professor de mais idade faz ou comenta algo relacionado ao mundo dos jovens, ao

menos o mundo que a sociedade construiu para eles, “lugar” que não entra “criança”, “adulto”, e muito menos o “coroa”.

Enfim, a “idade” do professor, está sendo renomeada, reconstruída, numa tentativa de fixá-los na nova sociedade que cada vez mais tende a crescer e envelhecer. O educador não está de fora dessa nova forma de construção linguística da participação dos idosos na sala e conseqüentemente na sociedade.

Conclusão

Pensar identidade é entender que nós somos construídos dentro da sociedade em que vivemos, essa construção segundo alguns estudiosos dos Estudos Culturais são possíveis através da linguagem. Neste trabalho, concluímos que hoje nossa sociedade moderna vem construindo novo lugar social para aqueles considerados Idosos. Vimos que essa mudança pode representar novos lugares, novos estudos e novos preconceitos.

Leis, compêndios escolares, falas e discussões propostas sobre os idosos são formas de construir novo espaço de “dignidade” para os considerados idosos. Essas necessidades são respostas a anseios sociais daqueles que durante muitos anos dedicaram suas vidas a formar uma sociedade, contudo quando envelheceram foram “esquecidos”, “desrespeitados”, “ignorados”, “violentados”, “escantiados” etc.

Nosso desejo como humanos é viver mais, mesmo que para isso ela necessite de buscar freneticamente uma fórmula para alcançar “vida eterna”, esse discurso não é nosso, as clínicas de belezas estão em todos os lugares numa tentativa de transformar velhas rugas em peles de crianças e dificultar “características naturais” que tendem a levar ao envelhecimento, mesmo que os discursos científicos, religiosos, pedagógicos afirmem que nosso futuro é o envelhecer e morrer.

Como visto o discurso jurídico constroe a identidade do “idoso”, afirmando que ao chegarmos aos sessenta anos iremos necessitar de cuidados específicos, por não mais pode cuidar de nós mesmos. Essa construção social marca o seu lugar na sociedade, podendo ser subjetivados pelas próprias pessoas que já alcançaram essa idade limite para segundos esses discursos são as características da velhice; incapacidade, doenças crônicas, improdutividade, entre outros.

No capítulo II, analisamos como os discursos são apresentados em literaturas pedagógicas, destacando o lugar do “idoso” na sociedade. Identificando e questionando a identidade construída para os mais “velhos” nesses discursos, desmistificando os vários lugares propostos para os “idosos” na ciência e no seio social.

Nos discursos pedagógicos, observamos que a “idade” interfere nas questões emocionais, tanto dos educadores como dos educandos. Os quais subjetivam o lugar do “idoso” na sociedade como na sala de aula, identificando-os como improdutivos no

cenário educacional, atrasados a não conseguem acompanhar os jovens. Esses discursos ordenam o lugar do professor em sala, onde aqueles que conseguem acompanhar as atitudes características dos jovens são vistos por eles mesmos como melhores profissionais.

Desta forma, analisar as construções lingüísticas pode possibilitar a desnaturalização dos conceitos formadores de identidades que padronizam as pessoas em grupos sociais na sociedade em que vivemos.

Referências Bibliográficas

Bartolomé Ruiz, Castor M. M., 1956. *As encruzilhadas do humanismo: a subjetividade e a alteridade ante os dilemas do poder ético* / Castor M. M. Bartolomé Ruiz – Petrópolis, RJ: vozes, 2006.

Caterina Lioret. *As idades ou as idades do outro*. In. *Imagens do outro*. Jorge Larrosa, Núria Pérez de Lara (organizadora). Tradução de Celso Hóracio Teixeira. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

Costa, Marisa Vorraber. “Sujeitos e Subjetividades nas Tramas da Linguagem”. In. *Cultura, Linguagem e Subjetividade no Ensinar e no Aprender*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 2ª ed.

França, Vera Regina Veiga (org). *Imagens do Brasil: modos de ver, modos de conviver* / org. por Regina Veiga França. – Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

Larrosa, Jorge e Carlos Skliar. (orgs) *Habitantes de Babel: Políticas e Poéticas da Diferença*. Trad. De Semiramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. “Sempre em Babel”. Larrosa, Jorge e Carlos Skliar. (orgs) . In. *Habitantes de Babel: Políticas e Poéticas da Diferença*.

_____. “O nome dos outros. Narrando alteridade na cultura e na educação”. Silvia Duschatzky e Carlos Skliar. In. *Habitantes de Babel: Políticas e Poéticas da Diferença*.

_____. “Identidade, Diferença e Diversidade: O nome dos outros. Narrando alteridade na cultura e na educação”. Silvia Duschatzky e Carlos Skliar. In. *Habitantes de Babel: Políticas e Poéticas da Diferença*.

Silva, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* / Tomaz Tadeu da Silva – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

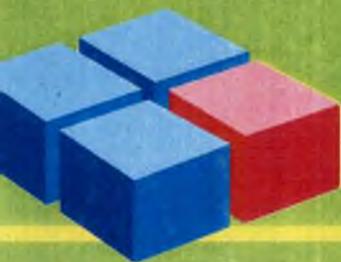
Scharfstein, Eloísa Adler. “Do Desamparo ao Sonho: a reconstrução da Identidade de uma aluna idosa”. In. *Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade, e profissão na escola e na família*/ Luis Paulo da Mota Lopes, (Org) - Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

Anexos

Questionário

Questionário proposto para entrevista de educadores de instituições educacionais particulares. Foi apresentado em forma de entrevista. Ela ocorreu entre os meses de junho e Julho de 2006, como complemento da proposta de artigo da disciplina Metodologia de Ensino da História ministrado pela Mestra Eronides Câmara Donato.

- 1 - Qual a idade do(a) senhor(a)?
- 2 - Em quantas escolas leciona?
- 3 - Há quanto tempo está em sala de aula?
- 4 - O(a) senhor(a) já passou ou presenciou alguma atitude preconceituosa relacionado a sua idade ou de algum colega de profissão?
- 5 - Quais as principais dificuldades enfrentadas pelos profissionais em educação em Campina Grande?
- 6- Alguma piada ou expressão negativa referente a idade dos educadores deixou desmerecer a competência dos mesmos?
- 7- Quanto aos alunos em sala, já presenciou algum comentário pejorativo quanto a idades dos companheiros de sala?
- 8- Como são organizados os grupos de alunas em sala? Existe alguma representação ligada a idade dos mesmos?
- 9- Você sente dificuldade em ensinar a alunos com idades diferentes? O aprendizado é de alguma forma diferenciado?



CONSTRUIRnotícias

Nº 09 - Ano 02 - Março / Abril 2003 - Distribuição Gratuita - Circulação Nacional



Vida, dignidade e esperança

O IDOSO PRECISA SER RESPEITADO

Projetos Pedagógicos

A arte de Tarsila do Amaral

A poesia de Cora Coralina

O dia da Mulher

Atividades na páscoa

Todo dia era dia de Índio

Descubra Monteiro Lobato